

Análise das entradas lexicográficas da área de Turismo: para um modelo de verbete

Análisis de entradas lexicográficas en el área de Turismo: para un modelo de artículo

Submetido em: 03/08/2023

Aceito em: 09/11/2023

Melissa de Souza Veras¹

Glauber Lima Moreira²

Resumo: A presente investigação busca através da contribuição dos estudos da Lexicografia e Terminologia para o ensino de línguas estrangeiras, analisar verbetes da área do turismo no dicionário Señas (2010) para saber se há neles informações enciclopédicas e culturais e, com isso, elaborar um protótipo de microestrutura lexicográfica com os termos da área do turismo em espanhol, contemplando informações enciclopédicas e culturais. Para a realização do estudo, seguimos os passos metodológicos para o levantamento dos dados, a saber: I) coleta de textos do turismo; II) seleção dos termos da área do turismo nas subáreas de hotelaria e gastronomia; III) confirmação da presença dos termos selecionados no Dicionário para o Ensino da Língua Espanhola para Brasileiros (Señas, 2010); IV) análise lexicográfica dos verbetes selecionados; e finalmente, V) organização do modelo de microestrutura do dicionário de aprendizagem de ELE para estudantes brasileiros no Turismo. A partir da análise levantada das definições e dos exemplos de uso dos quatro (4) termos selecionados das áreas de gastronomia e hotelaria, constatamos que os paradigmas analisados ainda carecem de informações enciclopédicas e culturais. Os termos dos dois setores já mencionados apresentam diversos aspectos históricos e culturais, extralinguísticos, que poderiam ser inseridos na microestrutura do dicionário Señas (2010).

Palavras-chave: dicionários; ELE; turismo.

Resumen: La presente investigación busca, a través del aporte de los estudios de Lexicografía y Terminología para la enseñanza de lenguas extranjeras, analizar las entradas del área de turismo en el diccionario de Señas (2010) para saber si contienen información enciclopédica y cultural y, con que, elaborar un prototipo de microestructura lexicográfica con los términos del área de turismo en español, contemplando información enciclopédica y cultural. Para llevar a cabo el estudio, se siguieron los pasos metodológicos para la recolección de datos, a saber: I) recolección de textos de turismo; II) selección de términos turísticos en las subáreas de hotelaría y gastronomía; III) confirmación de la presencia de los términos seleccionados en el Diccionario de Enseñanza de la Lengua Española para Brasileños (Señas, 2010); IV) análisis lexicográfico de las entradas seleccionadas; y finalmente, V) organización del modelo de microestructura del diccionario de aprendizaje ELE para estudiantes brasileños en Turismo. Con base en el análisis de las definiciones y ejemplos de uso de los cuatro (4) términos seleccionados de las áreas de gastronomía y hotelaría, encontramos que los paradigmas analizados aún carecen de información enciclopédica y cultural. Los términos de los dos sectores ya mencionados, presentan varios aspectos históricos y culturales, extralingüísticos, que podrían insertarse en la microestructura del diccionario Señas (2010).

Palabras clave: diccionarios; ELE; turismo.

¹ Bacharel em Turismo pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7339943243821682>. E-mail: melissavegana@hotmail.com

² Doutor em Traducción y Ciencias del Lenguaje pela Universitat Pompeu Fabra (UPF). Professor do Curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Federal do Piauí. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8407730088828832>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-5822-4010>. E-mail: glauberlimamoreira@hotmail.com

Introdução

O uso do dicionário, dentro da sala de aula, tem se tornado recorrente (Moreno, 2018), já que se trata de uma obra capaz de auxiliar o leitor nas suas diversas tarefas, tais como: compreender melhor um texto; localizar informações sócio pragmáticas através dos termos regionais, das frases feitas etc.; nele o consulente encontrará explicações semântico-pragmáticas que poderão auxiliar em atividades de produção escrita (De Grandi, 2014), dentre outras possibilidades para o aprendizado de uma língua estrangeira (LE).

Tendo em vista a importância do uso do léxico nas mais variadas situações cotidianas, sobretudo, no âmbito educacional, alguns autores como Sanmartín Saéz (2017), Zavaglia e Nadin (2019), caracterizam o dicionário como uma ferramenta útil e eficaz para o estudante, nativo e estrangeiro, e, inclusive, todo e qualquer consulente, pois a referida obra lexicográfica é capaz de promover ao seu leitor e consulente o acesso aos conhecimentos sintáticos, semânticos, lexicais e conteúdos sociopragmáticos, também conhecidos como conteúdos culturais e/ou enciclopédicos (Moreira, 2018).

Nesse sentido, a presente investigação busca através da contribuição dos estudos da Lexicografia e da Terminologia para o ensino de línguas estrangeiras, analisar verbetes da área do turismo no dicionário Señas (2010) para saber se há neles informações enciclopédicas e culturais e, com isso, elaborar um protótipo de microestrutura lexicográfica com os termos da área do turismo em espanhol, contemplando informações enciclopédicas e culturais.

O léxico no ensino de uma língua estrangeira

O léxico e a sua importância para o ensino de línguas, maternas ou estrangeiras, têm instigado o interesse das mais variadas ciências do léxico (Coura-Sobrinho, 2012), dentre elas, a Lexicografia e a Terminologia, das quais abordaremos mais adiante.

Conforme já mencionado anteriormente, embora o conceito de léxico possa variar de acordo com o enfoque teórico e epistemológico adotado (Krieger, 2006), diversos autores possuem significativas contribuições acerca dessa questão. A autora

Biderman (2001) conceitua o léxico como um processo de nomeação e de cognição com a realidade. Ou seja, através da nomeação de seres, objetos e ações, o homem os classifica através da cristalização de suas experiências em signos linguísticos: as palavras (idem).

Genouvrier e Peytard (1974) pontuam que “conhecer, além das regras de gramática, o maior número possível de palavras, permite falar bem” (p. 277), ou seja, concede ao locutor uma melhor comunicação. Os autores ainda distinguem os conceitos entre vocabulário e léxico, definindo o primeiro como o conjunto de palavras efetivamente utilizadas pelo locutor em um momento específico de sua fala, enquanto o último é definido por ser o conjunto de todas as palavras conhecidas pelo locutor, que podem eventualmente vir a ser empregadas.

Portanto, o léxico individual do falante possui um repertório maior do que o vocabulário utilizado em um determinado momento de sua fala. Já o léxico geral se caracteriza pelo conjunto de todas as palavras à disposição do locutor em uma determinada época (Genouvrier; Peytard, 1974), ou seja, todas as palavras existentes em um determinado idioma.

Tendo a compreensão do léxico enquanto um sistema aberto e em constante expansão, que não se cristaliza, pois encontra-se em transformação permanente (Biderman, 2001), podemos afirmar que tal qual a idéia de galáxia, onde existem universos de limites indefinidos, “Os campos lexicais não têm limites e precisamos limitar essa lista interminável de palavras que não fazem sentido no ensino” (Gelabert; Bueso; Benitez, 2002, p. 53), ou seja, é necessário delimitar o campo lexical no contexto do aprendiz, a fim de que o ensino de uma LE contemple ambas: a cultura do país estrangeiro e também a cultura do aluno.

Ensinar o léxico implica em resgatar a cultura e os costumes de uma determinada sociedade. As pesquisadoras Isquerdo e Krieger (2004, p. 11) apontam que o “léxico como repertório de palavras das línguas naturais traduz o pensamento das diferentes sociedades no discurso da escola, razão por que estudar o léxico implicatambém resgatar a cultura”. Portanto, fica clara a importância do estudo do léxico para o ensino/aprendizado de uma língua, seja ela materna ou estrangeira, tendo em vista que através desse estudo o aprendiz consegue absorver os mais diversos aspectos culturais que permeiam determinada sociedade, sendo capaz de compreender seus costumes

linguísticos e, por conseguinte, comunicar-se de maneira mais adequada e eficiente (Isquierdo; Krieger, 2004).

Lexicografia e ensino de línguas

A Lexicografia é descrita por diversos autores (Biderman, 1984; Borba, 2003, Landau, 1984) como uma ciência, prática, inclusive, a arte de elaborar dicionários. Ou seja, o lexicógrafo é quem produz um dicionário (Welker, 2004). Cabe aqui recordar que, embora já existissem os glossários latinos medievais, essas obras se caracterizavam apenas por serem lista de palavras explicativas que auxiliavam na interpretação do leitor que tinha contato com textos da antiguidade clássica e da Bíblia (Biderman, 2001).

Portanto, a Lexicografia enquanto ciência teve início nos séculos XVI e XVII, através da elaboração dos primeiros dicionários monolíngues e bilíngues, em latim e em uma língua moderna (idem). No que concerne à introdução dessa ciência no Brasil, Welker (2006) menciona alguns nomes importantes no cenário dos estudos lexicográficos e lexicológicos, tais como, Leci B. Barbisan e Maria da Graça Krieger, com suas primeiras dissertações de mestrado desenvolvidas nessas áreas, defendidas em 1980 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Posterior a esses trabalhos, cabe destacar as contribuições à Lexicografia pela autora Maria Tereza Camargo Biderman, através da publicação de importantes artigos introdutórios, dentre eles: “A Ciência da Lexicografia” e “O dicionário padrão da língua” (idem).

Ainda sobre a definição de Lexicografia, Borba (2003 *apud* De Grandi, 2014) conceitua que essa ciência tem duplo aspecto, sendo ela prática e teórica:

[...] como técnica, dedica-se à montagem de dicionários, ocupa-se de critérios para seleção de nomenclaturas ou conjunto de entradas, de sistemas definitórios, de estruturas de verbetes, de critérios para remissões, para registro de variantes, etc.; como teoria, procura estabelecer um conjunto de princípios que permita descrever o léxico (total ou parcial) de uma língua, desenvolvendo uma metalinguagem para manipular e apresentar as informações pertinentes (Borba, 2003, *apud* De Grandi, 2014, p. 25).

Portanto, a Lexicografia se utiliza do dicionário como um elemento estruturado a partir de uma microestrutura, que é definida pela autora Rey-Debove como “o conjunto das informações ordenadas de cada verbete após a entrada” (1971, p. 21), e de uma macroestrutura, que é conceituada pela mesma autora como o “conjunto das entradas” (idem), também conhecida como nomenclatura (Biderman, 1984).

Seguindo essa estrutura, a obra lexicográfica introduz ao consulente diversos aspectos inerentes às unidades lexicais, tais como, a morfologia, a descrição semântica e sintática (González; Martínez, 1998) e inclusive, as informações sociopragmáticas (Moreira, 2018), também chamadas de conteúdos culturais. Os conteúdos sociopragmáticos agregam muito valor ao leitor da ferramenta pedagógica, de modo que mostram ao aprendiz os diversos significados do léxico e dos seus elementos culturais.

Terminologia e ensino de línguas

A Terminologia é a ciência que se ocupa de um subconjunto do léxico, ou seja, de cada área específica do conhecimento humano (Biderman, 2001). Portanto, essa disciplina tem como objeto central o léxico de natureza técnico-científico, também conhecido como léxico temático ou especializado (Krieger, 2000; Cabré, 2022). Biderman (2001) argumenta que, durante muito tempo e por razões distintas, os termos técnico-científicos não foram de interesse das pesquisas sobre os sistemas linguísticos, o que não se aplica atualmente.

Foi somente a partir do século XIX que essa disciplina conquistou maior reconhecimento dos cientistas, que passaram a se preocupar com a necessidade de se dispor de regras sistemáticas de formação de termos, tendo em vista que a Terminologia vinha se internacionalizando gradativamente (Costa; Cabré; Zavaglia, 2018).

A autora Krieger (2000) aponta que ainda existe uma carência no tocante aos estudos descritivos sistemáticos do léxico. Tal conjuntura se justifica devido aos diferentes aspectos e às concepções referentes aos fatores internos e externos ao panorama da teoria terminológica (p. 181). Cabré (2001) também assinala que os diferentes sentidos atribuídos a Terminologia, enquanto unidade terminológica, deram

origem a diversas controvérsias no que se refere à concepção dessa disciplina, ocasionando certa morosidade na sua consolidação (Cabré, 2001, p. 65 *apud* Costa; Cabré; Zavaglia, 2018, p. 165).

Apesar dessas condições adversas ao reconhecimento da importância dos estudos no âmbito da Terminologia, o professor austríaco Eugen Wüster, em meados nos anos 1960, já nos apresenta uma valiosa contribuição acerca da Terminologia enquanto uma ramificação da Linguística Aplicada (Krieger, 2000), através de sua Teoria Geral da Terminologia (TGT). Wüster (1979) conceitua sua teoria como “um campo interdisciplinar entre a Linguística, a Lógica, a Ontologia, as Ciências de Informação e as diversas áreas específicas individuais” (p. 1-210). Essa disciplina tinha como objetivo principal investigar:

[...] princípios e leis que constituem os conceitos e sua natureza, a criação de conceitos, as características dos conceitos, a relação entre os conceitos, a associação de conceitos, a elaboração de sistemas de conceitos, a descrição dos conceitos via definição, a prescrição de designações tais como os termos ou outros símbolos lingüísticos para os conceitos, a relação objeto individual-conceito-designação, a formação de termos, a unificação de conceitos e termos e o ponto de partida para o trabalho internacional de padronização de terminologia (Neto, 1984, p. 13).

Em contraposição ao conceito de Terminologia idealizado por Wüster, que de acordo com as autoras Costa, Cabré e Zavaglia (2018, p. 165), “pretendeu propor uma padronização e normalização da linguagem especializada, a partir de um caráter totalmente prescritivo”, Cabré (2003) critica sua teoria, apontando que ela não é suficiente para explicar a complexidade conceitual, estrutural e funcional dos termos, principalmente do seu uso nas diversas situações comunicativas. A partir de então, surge a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) criada pela pesquisadora e professora catalã Maria Teresa Cabré, com o objetivo de preencher as lacunas deixadas pela Teoria Geral da Terminologia (TGT).

[...] nessa teoria, Cabré (2001) ressalta o fato de que um único termo pode ter múltiplas conceitualizações ou traços diferentes de um mesmo conceito, dependendo da posição ou lugar de observação. Se o termo for observado de acordo com o ponto de vista lingüístico, os resultados obtidos serão diversos daqueles que seriam alcançados se fossem

observados sob o ponto de vista cognitivo ou comunicativo (CabrÉ, 2001 *apud* Costa; Cabré; Zavaglia, 2018, p. 167).

Ou seja, a TCT tem como objetivo compreender o termo através de toda a sua riqueza e complexidade, de modo que essas características sejam valorizadas e não consideradas como obstáculos para o estabelecimento da comunicação especializada (Cf. Moreira, 2022).

Nesse sentido, podemos afirmar que os estudos na área da Terminologia assumem um papel de enorme importância no âmbito do ensino de línguas, na medida em que capacita o aluno quanto ao reconhecimento e à utilização das unidades terminológicas referentes à sua área de especialidade e atuação.

O uso das informações enciclopédicas e culturais nos dicionários de aprendizagem

O dicionário é uma obra de uso frequente pelos aprendizes de línguas, onde esses normalmente buscam pelo significado de determinado termo, associado a uma definição, um sinônimo ou equivalente (tradução), bem como breves explicações através de notas sobre a cultura de lugares cujos falantes se expressam através da língua estrangeira (Caetano, 2013).

Maldonado (2017, p. 68, tradução nossa) afirma que “os dicionários descrevem o léxico. E o léxico transpira cultura [...]”³. Essa afirmação nos leva a compreender a inegável relação existente entre as competências léxica e cultural, também conhecida como *lexicultura* (Galisson, 1991). Os autores García e Cabezas (2013, p. 1, tradução nossa) conceituam que essa relação ocorre através da “[...] existência de significados culturais presentes em unidades lexicais culturalmente compartilhadas por membros de uma comunidade, que às vezes passam despercebidas, ou não são compreendidas, gerando grande dificuldade para o falante não nativo”⁴.

Nesse sentido, entendemos que algumas palavras e modos de expressão onde o componente cultural é manifestado com maior intensidade, possuem uma *carga*

³ “Los diccionarios describen el léxico. Y el léxico rezuma cultura [...]”

⁴ “[...] “la existencia de significados culturales presentes en unidades léxicas culturalmente compartidas por los miembros de una comunidad, los cuales aparecen en ocasiones desapercibidos, o bien suponen un problema de incomprensión o alta dificultad para el hablante no nativo.”

cultural que os falantes nativos conhecem, mas que não é reconhecida por todos os aprendizes de LE (Caetano, 2013). Barbosa (2008, p. 3) faz uso da tradução *carga cultural compartilhada (CCC)* advinda do termo *carga cultural partilhada*, utilizado por Galisson (1987), e conceitua que essa expressão se associa a experiência cultural que pode permitir ao aprendiz de LE a “apreensão da carga cultural compartilhada como instrumento auxiliar para uma compreensão do sentido cultural do qual a palavra está carregada num dado enunciado.”

Diversos investigadores (Battaner, 2014; Svénson, 2009; Porto Dapena, 2014) reconhecem a obra lexicográfica como uma ferramenta didática que busca registrar os aspectos linguísticos e extralinguísticos de determinada língua (Moreira, 2018). Dentre esses aspectos, destacamos aqueles que estão relacionados à cultura de uma dada sociedade (Atienza Cerezo, 2005), os quais consideramos essenciais para que o estudante consiga inserir-se cultural e socialmente com os nativos da língua.

Portanto, a cultura deve ser tratada no âmbito da sala de aula, através do uso de ferramentas, tais como as obras lexicográficas, para que o aluno de LE e, no caso do presente estudo, o estudante de ELE no Turismo, tenha a oportunidade de compartilhar conhecimentos extralinguísticos, ou seja, conteúdos históricos, sociais e culturais com falantes nativos do idioma que está aprendendo, nesta pesquisa, o espanhol.

Cabe aqui dizer que a transmissão dos conteúdos didáticos da forma tradicional não é uma maneira de abordagem bem aproveitada pelos alunos, portanto, a inserção de componentes enciclopédicos e culturais próximos à realidade do aluno, torna o ensino de LE mais dinâmico e é melhor absorvido pelos aprendizes.

Para os estudantes compreenderem os diversos aspectos culturais de um determinado idioma em pouco tempo de estudo dentro da sala de aula de LE, constitui uma tarefa difícil, surgindo, assim, a necessidade de que estes conteúdos culturais também estejam inseridos nas obras lexicográficas e, mais especificamente, na microestrutura, tanto no enunciado definicional quanto nos exemplos de uso, com a finalidade de mostrar ao aprendiz e/ou consulente os diversos significados do léxico e dos seus elementos culturais (Zavaglia, Nadin, 2019).

Sobre a aplicação do estudo

Para a realização do estudo, seguimos os passos metodológicos para o levantamento dos dados, a saber: I) coleta de textos do turismo; II) seleção dos termos da área do turismo nas subáreas de hotelaria e gastronomia; III) confirmação da presença dos termos selecionados no Dicionário para o Ensino da Língua Espanhola para Brasileiros (Señas, 2010); IV) análise lexicográfica dos verbetes selecionados; e finalmente, V) organização do modelo de microestrutura do dicionário de aprendizagem de ELE para estudantes brasileiros no Turismo.

Os procedimentos foram iniciados com uma análise descritiva e qualitativa, compreendendo a coleta de artigos, revistas científicas e capítulos de livro, na área do turismo. A coleta dos textos seguiu os parâmetros de busca pelos assuntos sobre hotelaria e gastronomia no âmbito do turismo no ensino do espanhol. Esta análise foi realizada através da Internet, em bibliotecas virtuais, web sites de revistas científicas e repositórios acadêmicos.

Em seguida, ocorreu a seleção por termos específicos da área do turismo, no intuito de delimitar o presente estudo. Foram selecionados quatro (4) verbetes lexicográficos das áreas supracitadas: *paella* e *fabada*, referentes ao campo léxico da gastronomia; *turista* e *hospitalidad*, referentes ao campo léxico da hotelaria. Em seguida, foi realizada a análise lexicográfica. Cabe salientar que neste trabalho analisamos apenas dois paradigmas que fazem parte do artigo lexicográfico: as definições e os exemplos de uso.

A escolha das subáreas para compor este trabalho, foi dada pela importância que estas possuem para o turismo, uma vez que o setor hoteleiro é considerado um dos principais segmentos do turismo para a economia nacional, sendo capaz de promover a melhoria de vida da população através da geração de emprego, distribuição de renda e geração de divisas. A gastronomia, por sua vez, está assumindo cada vez mais espaço no turismo cultural, tendo em vista que os turistas buscam experiências inovadoras e conhecimento de diferentes culturas, experimentando diferentes tipos de pratos e bebidas.

A última etapa da presente pesquisa buscou propor um modelo de microestrutura do dicionário de aprendizagem de espanhol para estudantes brasileiros de ELE no turismo, visando incorporar, em sua estrutura, os aspectos culturais e enciclopédicos nos termos selecionados. Apresentaremos um recorte dos protótipos de alguns termos

que já foram previamente selecionados na análise lexicográfica. Desse modo, esperamos que esta pesquisa possa vir a contribuir, através dos benefícios da análise lexicográfica, com a elaboração de trabalhos futuros desenvolvidos por alunos do curso de Turismo, de modo que as pesquisas nesta área sejam exploradas com maior profundidade, dando o devido reconhecimento aos estudos lexicográficos.

Resultados e discussão

Nesta fase, discutimos sobre o tratamento que recebem as definições lexicográficas e os exemplos de uso dos termos selecionados para o presente estudo. Cabe salientar que não analisamos, na presente pesquisa, os demais paradigmas que fazem parte do verbete.

A escolha dos termos se justifica por terem sido utilizados livros e artigos científicos que possuem um léxico relevante para o processo do ensino e da aprendizagem dos alunos de ELE no Turismo, contribuindo positivamente para sua carreira profissional. Os quatro (4) termos selecionados para este trabalho foram: *paella* e *fabada*, referentes ao campo léxico da gastronomia; *turista* e *hospitalidad*, referentes ao campo léxico da hotelaria.

A seguir, iniciamos a nossa análise com o termo *paella*:

Quadro 1

pa.e.lla |paé□a| **1** f. Comida hecha con arroz, al que se añaden *mariscos, carne, pescado y otros alimentos: *la ~ es el plato más típico de Valencia; la ~ tiene color amarillo porque lleva azafrón; les invitaron a tomar ~ y sangría en la playa.* □ **paelha**
2 Recipiente de metal, de poco fondo y con dos asas, que sirve para cocinar esa comida: *agarraron la ~ por las asas y la pusieron al fuego.* ⇒ *paellera.* □ **panela para paelha**

Fonte: Señas (2010)

As definições e os exemplos de uso utilizados por Señas (2010), apesar de sucintos, são bastante esclarecedores para o leitor, seja ele nativo ou não. Nas definições, Señas descreve os principais ingredientes que compõem o prato (“*mariscos, carne, pescado y otros alimentos*”).

O dicionário ainda nos apresenta outra definição para o termo: um recipiente de metal, raso e com duas alças que serve para o preparo da *paella*. Este segundo conceito também é relevante para o melhor entendimento do consulente, uma vez que, de acordo com os autores Lima e Correio (2017) foi possível identificar que o termo deriva da palavra francesa “*paelle*”, que significa panela em francês, e no latim “*patella*” que significa recipiente ou vasilhame.

A *paella* (prato) era preparada pelos camponeses que partiam para o campo com a *paella*, panela que facilitava o preparo do prato devido ao seu formato, de modo que (durante o cozimento) os ingredientes ficavam distribuídos por igual (idem). Os principais ingredientes que compunham o prato eram: arroz, azeite, sal e elementos típicos do campo, como a carne de caça (especialmente lebre e coelho), legumes da estação (vagem, ervilhas, etc.) e sobras que possuíam, além do açafrão (Corner, 2008).

Acreditamos que poderia ser incorporado na microestrutura do dicionário, outro significado que alguns autores, tais como os já citados, constataram em suas pesquisas. De acordo com Lima e Correio (2017), os camponeses preparavam esse prato para suas esposas após voltarem do campo, portanto, “*para ella*”, ou seja, para ela.

Outro fator que consideramos de fundamental importância é destacar o valor cultural da *paella*, uma vez que o alimento representa simbolicamente o povo valenciano, pois revela e preserva seus costumes, sendo considerado, portanto, patrimônio cultural local.

O resgate das raízes gastronômicas vem se destacado como modo de compreender melhor a cultura local dos povos (Solin; Lopes, 2014). Além disso, alguns pratos típicos possuem uma enorme importância para a sociedade e são capazes de agregar valor turístico, de forma a levar um diferencial a determinada região, propondo o desenvolvimento da atividade turística gastronômica.

Assim, acreditamos que essas informações culturais e enciclopédicas poderiam compor o repertório Señas, com o intuito de facilitar a compreensão do leitor, especialmente o não nativo, de modo que ele obtenha um olhar mais crítico acerca da definição do termo (Mazière, 1989).

Em relação aos exemplos de uso utilizados, Señas menciona em seus dois primeiros exemplos que a *paella* possui origem na província de Valência, situada ao leste da Espanha, além de mencionar que a iguaria leva açafrão, especiaria

responsável por dar o tom amarelado ao prato. Tais informações são indispensáveis para que o consulente possua um conhecimento específico acerca do termo, tendo em vista a importância dos exemplos na construção do sentido em um verbete, pelas funções comunicativas que empregam e pelos aspectos gramaticais e ideológicos que assumem (Pontes, 2012).

Portanto, julgamos que os exemplos de uso empregados na obra lexicográfica podem facilitar o consulente no processo de ensino-aprendizagem, contudo, defendemos que a inserção de um ou mais exemplos de uso que fizessem menção a alguns dos aspectos históricos e culturais discutidos nesse tópico, facilitaria a compreensão e ampliaria o arcabouço lexical do leitor.

Continuamos a nossa análise com o verbete do termo *fabada*. Vejamos:

Quadro 2

fa.ba.da [faβáða] f. Comida que se hace con *judías, *chorizo, *tocino y *morcilla: *la ~ es un guiso típico de Asturias; la ~ es un plato fuerte que me gusta comer en invierno.*
□ **fabada**

Fonte: Señas (2010)

Na definição do prato, Señas (2010) trata de maneira muito sintetizada acerca dos ingredientes que o compõem, sem mencionar o aspecto cultural da receita e sua origem. A fabada é um prato tipicamente asturiano, responsável pela valorização do destino “Astúrias”, muito reconhecido pelos turistas que se motivam a visitar essa região devido a sua rica gastronomia. Existem diversos recursos gastronômicos localizados no Principado das Astúrias, dentre os mais representativos, destaca-se a fabada, prato tipicamente asturiano e que define bem essa região (Sita, 2009).

Ela combina originalmente feijões brancos típicos da Espanha (conhecidos como *fabes* ou *judías*), *tocino* (bacon), *morcilla* (em português, “morcela,” lingüiça de sangue com especiarias), dentre outros ingredientes, tais como cebola, açafrão, páprica, pimenta e sal. A iguaria se tornou um ícone de representatividade da gastronomia do Principado das Astúrias, sendo que sua receita tradicional foi passada de geração a geração, tornando-se um importante símbolo cultural não somente da cultura asturiana, como também da Espanha (idem).

Embora a lenda conte que o monarca Pelágio das Astúrias (governador de Cangas de Onís, Astúrias, de 718 a 737) alimentou sua tropa com uma *fabada* que teve efeitos energizantes tão notáveis a ponto de possibilitar a rejeição da tropa invasora, acredita-se que o prato era feito com favas ou que se recorria a outros ingredientes diferentes do feijão (cabe salientar que a iguaria é tipicamente preparada com feijão branco e não com favas). Os *fabes* vieram da América, ainda que existam asturianos que afirmam que sempre existiu na Europa uma variedade de feijão autóctone, do qual não há vestígios (Yubero, 2008).

Ainda que esta teoria tenha o apoio de alguns autores franceses que buscam a origem do *cassoulet* do sul, prato estrela da cozinha francesa, no mesmo feijão, pesquisas apontam que a *fabada* só começou a ser preparada nas Astúrias no início do século XIX, pois até então o vegetal básico que era utilizado para o preparo dos ensopados na região era o grão de bico, onde eram adicionados alguns ingredientes semelhantes aos atuais, advindos da salsicha asturiana (idem).

Diante desse contexto, é notável a importância histórica e cultural do prato, sendo reconhecido, portanto, como patrimônio cultural imaterial para a região do Principado das Astúrias. Assim, acreditamos que algumas informações culturais sobre os aspectos históricos da *fabada* asturiana deveriam ser inseridos na microestrutura do dicionário, de modo a ampliar os conhecimentos do leitor da ferramenta lexicográfica.

Em relação aos exemplos de uso utilizados por Señas, os consideramos adequados para a compreensão do termo, tendo em vista que o primeiro define bem a região onde surgiu a iguaria, e o segundo exemplo a descreve como sendo uma refeição forte e de inverno, uma vez que se trata de um prato farto e pesado.

Seguimos nossa análise com o verbete do termo *turista*:

Quadro 3

tu.ris.ta |turista| **com.**Persona que visita o recorre un país o lugar para conocerlo y por placer: *miles de turistas visitan cada día Madrid y la mayoría acude al Museo del Prado.* □
turista

Fonte: Señas (2010)

A definição proposta por Señas não nos traz um aspecto importante da acepção do termo *turista* e que o diferencia de outras categorias similares de viajantes, tais como,

excursionistas e visitantes, de acordo com a Organização Mundial do Turismo (OMT). A definição do referido termo surgiu a partir da necessidade da atividade turística de diferenciar o turista de demais viajantes, de modo a se obter uma estrutura de estatísticas que pudessem ser comparadas (Tadini; Melquiades, 2010).

Muitas discussões acadêmicas e mercadológicas surgiram em torno da definição do termo, até que em 1937, a Comissão de Estatística da Liga das Nações manifestou conceitos mais abrangentes acerca do tema (idem). O primeiro desses conceitos, de acordo com Beni (2001), referia-se ao turista internacional como “a pessoa que visita um país que não seja o de sua residência por um período de, pelo menos, 24 horas”. Tal definição foi a base da construção de conceitos posteriores, tal como o da Organização das Nações Unidas (1954) *apud* Beni (2001):

Toda pessoa sem distinção de raça, sexo, língua e religião que ingresse no território de uma localidade diversa daquela em que tem residência habitual e nele permaneça pelo prazo mínimo de 24 horas em máximo de seis meses, no transcorrer de um período de 12 meses, com finalidade de turismo, recreio, esporte, saúde, motivos familiares, estudos, peregrinações religiosas ou negócios, massem proposta de imigração.

Portanto, a definição e o exemplo de uso empregados pelo repertório Señas não esclarece suficientemente o leitor, tendo em vista que deixa de pontuar um aspecto importante para a melhor compreensão do termo, conforme supramencionado. Entendemos que o emprego de algumas informações já mencionadas nos parágrafos anteriores poderia facilitar o aprendizado do consulente e evitar erros, tais como, comparar e atribuir a mesma definição de *turista* aos demais grupos de viajantes.

Finalizamos nossa análise com o verbete do termo *hospitalidad*. Vejamos:

Quadro 4

hos.pi.ta.li.dad [ospaliðá^β] **f.** Amabilidad al recibir o acoger a otras personas: *dio gracias a la dueña de la casa por su ~; abusó de su ~ quedándose tanto tiempo.* □ **hospitalidade**

Fonte: Señas (2010)

A definição e o exemplo de uso apresentados pelo dicionário são elucidativos, todavia, deixa de apresentar um importante aspecto do conceito de hospitalidade sob a

ótica da industrialização no mundo pós Segunda Guerra Mundial (Boyer, 2003). Nesse cenário surge uma nova perspectiva, onde comercializar o ato de receber bem e seus aspectos fundamentais (alimentação; lazer e entretenimento; hospedagem e transporte) era necessário (Silveira, 2005).

Essa transformação da hospitalidade ocorre com a interpretação do turismo como fenômeno, a partir do século XVIII (idem). Logo, atribuiu-se uma relação mercadológica entre os dois agentes (anfitrião e o hóspede), amparada por uma rede de serviços (como hospedagem, alimentação e lazer), contratados entre prestadores (hotéis; plataformas virtuais, como *Airbnb* e *Booking.com*; restaurantes) e consumidores finais (turistas) que estabelecem uma relação comercial, visando atender sua demanda por determinados produtos turísticos (atrativos, equipamentos e serviços, ofertados em um ou mais locais por um preço determinado).

Desse modo, a partir da análise levantada julgamos que a inserção de uma ou mais definições e exemplo de usos que contemplassem as referências mencionadas nos parágrafos anteriores, auxiliariam positivamente no aprendizado e na ampliação do vocabulário do consulente.

Proposta de microestrutura

Nesta seção, apresentamos o protótipo inicial do modelo de microestrutura para um dicionário de aprendizagem para estudantes brasileiros de ELE do Turismo. As definições e exemplos de uso com o destaque se referem às informações culturais e enciclopédicas incorporadas no verbete, as quais consideramos fundamentais para a audiência deste estudo, fundamentado nos autores mencionados no presente trabalho, conforme já destacamos anteriormente.

Vejamos o modelo de microestrutura com os termos da área de gastronomia e hotelaria:

Quadro 1

fa.ba.da [faβáða] *f.* Comida que se hace con *judías, *chorizo, *tocino, *morcilla y especias: *la ~ es un guiso típico de Asturias; la ~ es un plato fuerte que me gusta comer en invierno.* □ **fabada**

2 Manjar icono representativo de la gastronomía del Principado de Asturias. Su receta tradicional ha sido transmitida de generación en generación, convirtiéndose en un importante símbolo cultural no solo de la cultura asturiana, sino también de España: *cuenta la leyenda que la ~ del monarca Pelagio de Asturias alimentaba bien a sus tropas.* □ **fabada**

Fonte: Señas (2010)

Quadro 2

hos.pi.ta.li.dad [ospitaliðá³] *f.* Amabilidad al recibir o acoger a otras personas: *dio gracias a la dueña de la casa por su ~; abusó de su ~ quedándose tanto tiempo.* □ **hospitalidade**

2 Relación comercial entre comerciantes (anfitrión y huésped), sustentada en una red de servicios (como alojamiento, alimentación y ocio), contratados entre proveedores (como hoteles y restaurantes) y consumidores finales (turistas) que establecen una relación comercial, con el objetivo de satisfacer su demanda de determinados productos turísticos (atractivos, equipamientos y servicios, ofrecidos en uno o varios lugares a un precio determinado): *la ~ adquiere un nuevo concepto en el mundo posterior a la Segunda Guerra Mundial.* □ **hospitalidade**

Fonte: Señas (2010)

Observações finais

Diversos autores aqui mencionados (Moreira, 2018; Maldonado, 2017; Atienza Cerezo, 2005) reconhecem o dicionário como uma ferramenta que traz numerosos aspectos linguísticos e extralingüísticos de determinada língua. Dentre esses aspectos destacam-se os conteúdos históricos, sociais e culturais que representam a cultura de uma dada sociedade e que julgamos imprescindíveis para a inserção do aprendiz dentro de uma comunidade de falantes nativos.

Nesse sentido, entendemos que referida obra lexicográfica introduz ao consulente diversos aspectos inerentes às unidades lexicais, tais como, a morfologia, a descrição semântica e sintática (González; Martínez, 1998) e inclusive, as informações sociopragmáticas (Moreira, 2018), também chamadas de conteúdos culturais. Tais conhecimentos favorecem significativamente o leitor da ferramenta pedagógica, no caso do presente estudo, o estudante de ELE no Turismo, de modo que ele consiga ter uma melhor compreensão da leitura dos textos em espanhol, e conseqüentemente, adquira maior domínio do idioma.

Contudo, a partir da análise levantada das definições e dos exemplos de uso dos quatro (4) termos selecionados das áreas de gastronomia e hotelaria, constatamos que os paradigmas analisados ainda carecem de informações enciclopédicas e culturais. Vimos que os termos dos dois setores já mencionados, utilizados para compor o presente estudo, apresentam diversos aspectos históricos e culturais, extralinguísticos, que poderiam ser inseridos na microestrutura do dicionário Señas (2010), de modo a facilitar o aprendizado do consulente e ampliar os seus conhecimentos.

Embora o dicionário Señas (2010) seja um material desenvolvido com finalidades específicas e pedagógicas para os alunos brasileiros de ELE, defendemos que ele se configura como uma ferramenta útil para ampliar o repertório lexical de especialidade do estudante de Turismo, aprendiz de ELE. Desse modo, consideramos relevante a inserção de conteúdos culturais e enciclopédicos na referida obra, tendo em vista a carência dessas informações que consideramos essenciais para a aprendizagem e para o desenvolvimento da competência comunicativa, bem como a competência intercultural dos aprendizes.

Portanto, a presente pesquisa insere a inquietação necessária para que sejam desenvolvidos mais estudos no âmbito da Lexicografia e da Terminologia aplicadas ao ensino de Turismo, para os alunos dessa área, estudantes de ELE, de modo que estes consigam tirar proveito dos benefícios advindos da análise lexicográfica.

REFERÊNCIAS

- ATIENZA CERREZO. E. A. El tratamiento de la cultura en los diccionarios de aprendizaje. In: *Revista electrónica de didáctica del español lengua extranjera (redELE)*; v. 2, n. 5, Madrid, p. 1-8, 2005.
- BARBOSA, M. A. O conceito de lexicultura e suas implicações para o ensino de português como língua estrangeira. *Revista de Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo: UFSCar, 2008.
- BATTANER, M. P. *El léxico como pilar inicial de la reflexión lingüística y el diccionario*. Anexos de Revista de Lexicografía, Universidade da Coruña, v. 32, p. 33-62, 2014.
- BENI, M. C. *Análise estrutural do turismo*. São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, 2001.
- BIDERMAN, M. T. C.. 1984. A Ciência da Lexicografia. *ALFA: Revista de Linguística*, v. 28 – Suplemento, 1984.
- BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. ed. 2. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001.

- BORBA, F. S. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- BOYER, M. *História do turismo de massas*. Bauru: Edusc, 2003.
- CABRÉ, M. T. Terminologie et linguistique: la théorie des portes. *In: Terminologies nouvelles. Terminologie et diversité culturelle*, 2001.
- CABRÉ, M. T. Teorías de la terminología: de la prescripción a la descripción. *In: Adamo, Giovanni; Della Valle, Valeria. (eds). Innovazione lessicale e terminologie specialistiche. Serie Lessico Intellettuale Europeo, v. 92. Florencia: Leo S. Olschki Editore, 2003.*
- CAETANO, F. S. M. O componente lexicocultural em dicionários para aprendizes. *Entreletras. Araguaína/TO, v. 4, n. 2, p. 44-57, ago./dez. 2013.*
- CORNER, D. M. R. *A cozinha do imigrante espanhol nascida de São Paulo*. Anais 34. Encontro Nacional do Ceru. 2008.
- COSTA, L. A.; CABRÉ, M. T.; ZAVAGLIA, C. A variação terminológica denominativa na Lexicografia do Brasil: pressupostos para se estabelecer as bases teórico metodológicas para o Dicionário de Lexicografia Brasileira. *In: PONTES, A. L. et al. (Orgs.). Perspectivas em Lexicografia e Terminologia*. Fortaleza: EdUECE, 2018.
- COURA-SOBRINHO, J. Léxico e ensino de línguas. *Actes du Colloque Miroir. v. 10, p. 131-142, 2012.*
- DE GRANDI, L. *Uso do dicionário no ensino de língua espanhola: proposta de guia teórico-metodológico para professores*. Araraquara-SP, 2014.
- GARCÍA, M. P. L.; CABEZAS, J. M. La lexicultura: una experiencia dentro y fuera del aula en el aprendizaje de ELE. *Revista Nebrija de Lingüística Aplicada a la Enseñanza de las Lenguas*. Universidad Nebrija. n. 13, 2013.
- GALISSON, R. *De la langue à la culture par les mots*. Collection Didactique des langues étrangères. Paris: CLE Internacional, 1991.
- GALISSON, R. Accéder à la culture partagée par l'entremise des mots à CCP. *Études de Linguistique Appliquée, v. 67, p. 109-151, 1987.*
- GELABERT, M. J.; BUESO, I.; BENÍTEZ, P. *Producción de materiales para la enseñanza de español*. Madrid: Arco Libros, S. L., 2002.
- GENOUVRIER, E.; PEYTARD, J. *Linguística e ensino do português*. Coimbra: Almedina, 1974.
- ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. G. *As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia, Volume II*. Campo Grande: Editora IFMS, 2004.
- KRIEGER, M. G. Tipologias de dicionários: registros de léxico, princípios e tecnologias. *Calidoscópio. vol. 4, n. 3, p. 141-147, set/dez, 2006.*
- KRIEGER, M. G. A face lingüística da Terminologia. *In: LEFFA, V. J. (Org.). As palavras e sua companhia: o léxico na aprendizagem das línguas*. Pelotas: EDUCAT, 2000.
- LANDAU, S. I. *Dictionaries: The Art and Craft of Lexicography*. New York: The Scribner Press, 1984.
- LIMA, F.; CORREIO, A. B. Gastronomia e Turismo: A paella como um lugar de memória para as famílias valencianas. *Mangaio acadêmico, v.2, n.1, jan./ jun., 2017.*

- MALDONADO, C. La información cultural en los diccionarios de ELE (o De cómo ponerle puertas al campo). *Revista Internacional De Lenguas Extranjeras / International Journal of Foreign Languages*, n. 7, p. 55–84, set., 2017.
- MARTÍNEZ, C. T.; GONZÁLEZ, M. C. La enseñanza de vocabulario y el uso del diccionario. *Encuentro: revista de investigación e innovación en la clase de idiomas*, n. 10, p. 26-35, 1998.
- MAZIÉRE, F. Enunciado definidor: Discurso e Sintaxe. In: GUIMARAES, Eduardo. (Org.). *História e Sentido na Linguagem*. Campinas: Pontes, 1989.
- MOREIRA, G. L. El componente cultural en los diccionarios de ELE. *Domínios de Lingu@agem*, v. 12, n. 4, p. 2240-2263, 19 jan, 2018.
- MOREIRA, G. L. Los estudiantes de ELE de la carrera de Turismo frente al uso del diccionario, In: *Revista Brasileira de Lingüística Aplicada*, v. 22, n. 3, 2022.
- MORENO, M. Á. M. Manuales de español como LE/L2 y diccionarios: encuentros y desencuentros en el aula. In: Escrivá, M. B.; Berdet, E. F.; Rull, A. N. (eds.). *Léxico y cultura em LE/L2: corpus y diccionarios*. XXVIII Congreso Internacional ASELE, 2018.
- NETO, B. B. Projeto Piloto – Tentativa de Aplicação da Teoria Geral da Terminologia na Área Específica de Controle de Tráfego Aéreo. Dissertação (Mestrado em Língua Inglesa) – Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1984.
- PONTES, A. L. Exemplos de uso em dicionários escolares brasileiros para a leitura e a produção textual. *Revista de Letras*, v. (1/2), n. 31, p. 93-101, jan./dez., 2012.
- PORTO DAPENA, J. A. *La Definición lexicográfica*. Madrid: Arco/Libros, S. L., 2014.
- REY-DEBOVE, J. *Étude linguistique et sémiotique des dictionnaires français contemporains*. Paris: Hachette, 1971.
- SAÉZ, J. S.. El diccionario de turismo como herramienta de aprendizaje de ELE: entrevista con Julia Sanmartín Saéz. In: Moreira, G. L. *Caderno Virtual de Turismo*. Rio de Janeiro, 17 (2), p. 5-8. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.
- SEÑAS. *Diccionario para la enseñanza de la lengua española para brasileños*. Universidad de Alcalá de Henares. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- SILVEIRA, E. S. Hospitalidade: notas conceituais, antropológicas e históricas. In: DIAS, R.; PIMENTA, M. A. (Orgs.) *Gestão de Hotelaria e Turismo*. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.
- SISTEMA DE INFORMACIÓN TURÍSTICA DE ASTURIAS – SITA. *Análisis del turismo de alojamiento colectivo según el mediodo transporte para venir a Asturias*, 2009. Disponível em: <https://docplayer.es/4354075-Analisis-del-turismo-de-alojamiento-colectivo-segun-el-medio-de-transporte-para-venir-a-asturias-y-desplazamientos-por-asturias.html>. Acesso em: 27 de Outubro de 2022.
- SOLIN, J. J. M.; LOPES, N. S. G. Reflexos da cultura espanhola no patrimônio cultural gastronômico de Londrina. In: Congresso Nacional de Iniciação Científica (CONIC), 2014, Campinas - SP. Anais do Conic-Semesp, 2014. v. 1.
- SVENSÉN, B. A. *Handbook of Lexicography*. The Theory and Practice of Dictionary-Making. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

- TADINI, R. F.; MELQUIADES, T. *Fundamentos do Turismo*. v. 1. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2010.
- WELKER, H. A. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. 2. ed. Brasília: Thesaurus, 2004.
- WELKER, H. A. Breve histórico da metalexigrafia no Brasil e dos dicionários gerais brasileiros. *Matraga*: Rio de Janeiro, v. 13, p. 69-84, 2006.
- WÜSTER, E. *Die allgemeine Terminologielehre - Ein Grenzgebiet zwischen Sprachwissenschaften, Logik, Ontologie, Informatik und den Sachwissenschaften (General Theory of Terminology – a border Field between Linguistics, Logic, Ontology, Information Science and the Subject Fields)*. Berlin: VDI Verlag, 1979.
- YUBERO, I. D. *Sabores de Asturias*. Distribución y Consumo. Espanha: Madrid. v. 102, p. 115-121. nov./dez, 2008.
- ZAVAGLIA, C; NADIN, O. Lexicografia pedagógica. *Domínios de Linguagem*. v. 12, n. 4, p. 1921-1933, 19 jan., 2019.